

Feira do Paraguai ganha uma *filial* em Taguatinga

Camelôs da cidade estão obrigados, a partir de hoje, a vender exclusivamente em área perto do Hospital São Vicente de Paula

Philio Terzakis e
Rogério Dy La Fuente
Da equipe do Correio

Depois de um ano de disputas com o comércio formal de Taguatinga, os vendedores ambulantes e de mercadorias contrabandeadas do Paraguai deixaram ontem o centro da cidade e começaram a se mudar para uma área definida pela Administração Regional. Eles estão instalados em um terreno de 1.615 metros quadrados, ao lado do Hospital São Vicente de Paula, no início de Taguatinga Sul e de frente à Avenida Samdu. Por decisão do Juiz Alceu Machado, da 6ª Vara de Fazenda Pública do Distrito Federal, a partir de hoje nenhum camelô poderá ficar nas ruas de Taguatinga, exceto nessa área, já batizada de *camelódromo*.

A medida agradou tanto à maioria dos camelôs, quanto aos comerciantes instalados no centro de Taguatinga, que há quase um ano travam uma disputa pelo direito de venderem em paz. O presidente da Associação dos Ambulantes de Taguatinga (Assam), Gilberto Vaz da Silva, está animado com a nova área, apesar das obras

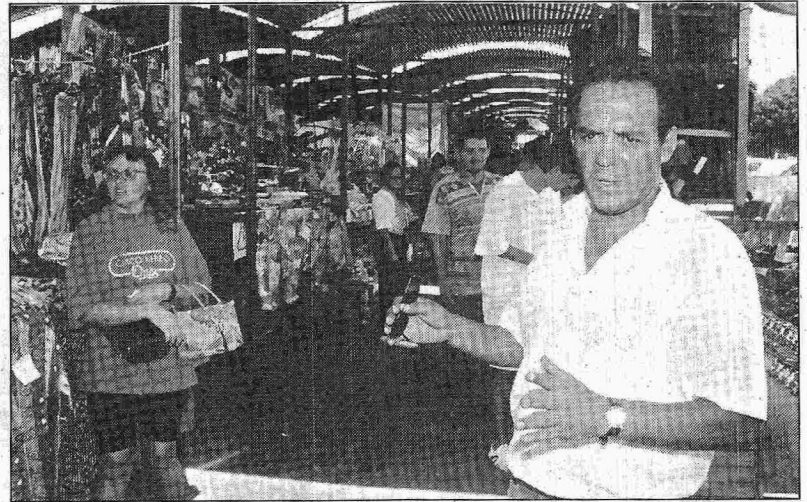
ainda não estarem concluídas — os banheiros, por exemplo, ainda não foram terminados. “Agora está melhor, porque antes trabalhávamos espalhados”.

“É uma solução ótima”, comemorou o presidente da Associação Comercial e Industrial de Taguatinga (Acit), Márcio Guimarães. “Cabe agora ao 2º Batalhão de Polícia e aos fiscais da Administração Regional nunca mais deixarem que os camelôs voltem para a frente do comércio”, concluiu.

PLANOS

No camelódromo, haverá, segundo a Assam, 424 barracas. Pelas contas da Administração Regional, o número de camelôs sobe para 435. Um levantamento anterior mostrou que cerca de 80% dos ambulantes de Taguatinga vendem produtos importados. “Há um ano a Administração de Taguatinga acompanha o trabalho dos ambulantes na cidade e faz seu cadastramento. Os ambulantes ainda não pagam pela ocupação, mas estamos estudando com a Assam o valor de uma taxa a ser paga por quem trabalhar no camelódromo”, revelou o administrador da cidade, Maurício Dutra Garcia.

Fotos: Carlos Moura



Gilberto Vaz, da Associação dos Ambulantes: “Agora está melhor”

O presidente da Acit estuda também uma forma de dar legalidade à atuação dos camelôs. “É hora de o GDF aproveitar a organização que está feita, e utilizar sua máquina para incentivar os ambulantes a se organizarem em microempresas e para passar a pagar impostos, salários para funcionários e os encargos sociais referentes aos empregados que têm. Vou procurar o governo para que a Acit viabilize isto”, adiantou Guimarães.

EXPECTATIVAS

A ambulante Zuleide Inácio Ribeiro, 43 anos, gostou da mudança, mas criticou a não conclusão das obras. Proprietária da banca nº 256 de brinquedos importados, ela acredita que a pressão da

mudança decorre da pressão dos lojistas. “Os fregueses que gostam dos produtos do Paraguai vão procurar a gente onde a gente estiver”, crê a ambulante, que até ontem trabalhava no muro da EIT (Escola Industrial de Taguatinga).

Entre os pessimistas, está Nerolina de Oliveira Chagas, 55 anos. “Acho que o movimento vai ser fraco. Fomos jogados em um canto qualquer. Lugar de camelô é no centro da cidade”, reclamou. Ela agora vende calçados na banca nº 256. Nerolina trabalha como camelô há cinco anos e também tinha banca no muro da EIT. “Ganho R\$ 200 por mês para viver junto com o marido, que é aposentado. Com o movimento fraco a gente não vai conseguir se virar”, prevê.